



O DESPERTAR PERSONALISTA E A NOÇÃO DE PESSOA EM EMMANUEL MOUNIER

Rômulo Gomes de OLIVEIRA¹

Jordano Paulo Magalhães FUZATTO²

RESUMO

O propósito deste artigo é analisar o personalismo de Emmanuel Mounier, especialmente o contexto em que surgiu e a noção de pessoa. Como metodologia, utilizamos a pesquisa bibliográfica com ênfase no livro considerado o mais maduro do autor: **O personalismo**, publicado em 1949. Percebendo a crise de seu tempo, Mounier quer recolocar o homem como centro das preocupações do fazer humano. Cabe esclarecer por que é importante entender o homem como pessoa. O autor propôs um retorno ao homem concreto. Influenciado pelo cristianismo, pela fenomenologia-existencial e pelo marxismo, elaborou uma nova compreensão de humanização a partir dessa noção de homem. Assim, a pessoa é apreendida como centralidade axiológica de todo pensamento-ação. O personalismo de Mounier é um modo de vida, uma inspiração que tem como experiência principal a afirmação da pessoa como valor absoluto e que compreende a humanização como um despertar da pessoa na comunidade. Mounier elaborou um modo antropocêntrico do fazer humano implicado pela tríade eu-Tu-nós e assegurado pela estrutura do universo pessoal, por ser a pessoa volume total do homem, a encarnação, a vocação e a comunhão.

¹Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Docente do Curso de Graduação em Filosofia da UniAcademia - Centro Universitário. E-mail: <rhomulogo@gmail.com>.

² Graduando em Filosofia pela UniAcademia - Centro Universitário. E-mail: <jordanopaulo29@yahoo.com.br>.

Palavras-chave: Pessoa. Personalismo. Antropologia. Humanização. Emmanuel Mounier.

1 INTRODUÇÃO

A Europa, no século XX, estava imersa em uma crise de civilização causada por um conjunto complexo de questões sociais, culturais e filosóficas: as duas grandes guerras, o *crash* de 29, os regimes totalitários, além do individualismo, dos coletivismos, do capitalismo, do cientificismo, do materialismo etc. Dessa forma, o ser humano encontrava-se coisificado e sem dignidade: despersonalizado.

Nesse contexto de crise na Europa, particularmente na França, encontra-se Emmanuel Mounier com uma profunda inquietação, um inconformismo diante desses problemas que o despertou para o engajamento pessoal. Em resposta à essa crise, propôs um movimento na busca por “refazer a Renascença”³, ou seja, fazer renascer o homem como pessoa – daí o personalismo. O termo personalismo, como destaca o próprio Mounier (2010), foi uma novidade. Embora tenha sido usado por Renouvier em 1903, caiu em desuso. É em 1930, na França que o termo reaparece para designar os estudos apresentados na revista *Esprit*⁴.

Para Mounier (2010), a pessoa não é objetivável e nenhuma definição pode retratá-la em sua inteireza. Por não ser um objeto, nunca pode ser tomada como meio, pois ela é o centro para o qual todas as ações devem ser conduzidas. Essa pessoa está inserida em uma comunidade. É encarnada em um corpo, é alguém único dotado de um chamado especial e deve estar em comunhão consigo, com os outros e com Deus, buscando integrar todas as suas dimensões. O que se pode dizer é que a pessoa é o volume total do homem, que se estrutura no universo pessoal: encarnação, vocação e comunhão.

³ Tal foi o título do artigo limiar do nº 1 da Revista *Esprit*, em 1932.

⁴ Mounier, com um grupo de pensadores inquietos com a situação da época composto por Georges Izard, Déléage, Jean Lacroix, Nicolas Berdiaeff, Denis de Rougeemont, René Biot, Paul Ricoeur, dentre outros, fundou a revista *Esprit*, que passou a ser o veículo pelo qual o seu pensamento e o de seus colaboradores foram difundidos. Para Mounier, a revista era um instrumento cultural capaz de alcançar muitas pessoas e manter um diálogo fecundo, denunciando a crise instaurada e propondo mudanças.

Neste trabalho, nosso objetivo é analisar o contexto do despertar personalista em Mounier e como ele compreendia a noção de pessoa. Para isso, fizemos uma pesquisa bibliográfica, cujo objeto central é o livro **O personalismo**, do referido autor, buscando esclarecer por que é importante entender o homem como pessoa. Partimos da hipótese de que o ser humano só se realiza individualmente e contribui de modo mais pleno para sociedade quando se assume e se desenvolve integralmente em uma comunidade, isto é como pessoa.

Contudo, o trabalho de Mounier foi pouco sistematizado. Burgos (2018) destaca que Mounier elaborou seu pensamento aos poucos e, por isso, é difícil compreender a visão que ele tinha do próprio pensamento. Apenas no final da vida, conseguiu escrever de forma um pouco mais sistemática e filosófica. Mas isso não esvazia a potência inspiradora de suas ideias nem tira a legitimidade de seu projeto: buscar uma solução para a crise da noção de pessoa. Este trabalho se justifica levando em consideração as várias situações desumanizadoras que nossa sociedade ainda enfrenta. Acreditamos que este estudo pode nos ajudar a abrir caminhos de humanização que, por sua vez, favoreçam o desenvolvimento das potencialidades individuais, com consequentes melhorias na vida social.

Para isso, na primeira seção apresentamos o contexto do despertar personalista, bem como aquilo que o influenciou; na segunda seção, discutiremos sobre a noção de pessoa em Mounier e sobre os elementos do universo pessoal; na terceira seção, abordamos algumas contribuições e consequências do projeto mounieriano. Nas considerações finais, buscamos elucidar algumas limitações do pensamento de Mounier, bem como apontar possibilidades de futuras pesquisas.

2 O DESPERTAR PERSONALISTA DE EMMANUEL MOUNIER

Segundo Burgos (2018), a palavra mais adequada e decisiva para expressar o sentimento global, que deu origem ao despertar personalista, é **crise**. A Europa, na primeira metade do século XX, encontrava-se em uma profunda e complexa crise de ordem social, política e econômica, presenciando

duas grandes guerras e sofrendo suas implicações, como fome, miséria e precariedade de condições de vida. Vivia-se o auge do individualismo e dos coletivismos, tanto de direita (fascismo e nazismo), como de esquerda (marxismo). O materialismo cientificista era dominante e a crise de valores, percebida por alguns como uma crescente descristianização, despontava como um evento abrangente, que marcaria toda a civilização ocidental.

Nesse contexto sócio-intelectual, emerge a figura de Emmanuel Mounier, o qual demonstra uma rejeição profunda ao individualismo: o individualista centra-se em si mesmo, alheio às necessidades dos outros. O capitalismo, por seu turno, é a manifestação maior do individualismo, pois sua busca de prazer e lucro distraí o ser humano de sua realização.

Recuando perante esta angústia nova, e receando as imprudências do desejo, o mundo pequeno-burguês recalca-as por detrás de um abrigo de mediocres satisfações; instaura o reino do individualismo precavido. Durante este tempo, a irrupção súbita das técnicas rompe as fronteiras do indivíduo e dos seus círculos estreitos, e instala por todos os lados os grandes espaços e as relações colectivas. O individualismo desnordeado receia, ao mesmo tempo, a anarquia em que mergulha e o colectivismo que o ameaça (MOUNIER, 2010, p. 18).

Os coletivismos também eram uma ameaça à pessoa. Nesses sistemas, tanto como o marxismo, o fascismo e o nazismo, o indivíduo não era considerado na sua singularidade; mas mero instrumento a serviço de algo maior: a revolução, o Estado, a raça etc. Burgos (2018) salienta que o decisivo era a meta final, ou seja, o humano poderia ser usado como meio e não como fim, caracterizando-se a práxis revolucionária com uma ética instrumentalista.

Nesse contexto, Mounier inicia o movimento personalista que buscava ser uma alternativa a favor da pessoa, tomando do individualismo sua defesa dos direitos do sujeito e tomando dos coletivismos sua tensão ética para construir um projeto comum, considerando em ambos a primazia da pessoa diante da sociedade (BURGOS, 2018).

Outro aspecto importante dessa crise é a mentalidade positivista e cientificista, em que o método experimental e o conhecimento científico se autodeclaram como única forma de conhecimento válido. Essa mentalidade dominante se tornou bastante problemática para entender o homem. Diante do evolucionismo de Darwin, aliado às obras de Freud, Nietzsche, Comte etc., “o

homem não era mais que simples matéria evoluída; certamente muito complexa e sofisticada, talvez até indizível e incompreensível, mas, de qualquer forma, matéria” (BURGOS, 2018, p. 17).

Emmanuel Mounier é fruto desses difíceis tempos. Nasceu em Grenoble, França, em 1905, em uma família simples de camponeses. De sua família, recebeu uma profunda e singela educação cristã, que marcaria toda a sua vida.

Seus pais o mandaram para estudar Medicina em Paris, aos 19 anos, mas dois anos depois abandonou esses estudos pela Filosofia, que considerava sua verdadeira vocação. Teve como professor Jacques Chevalier, professor universitário e pensador católico. Mais tarde, depois de conhecer a obra de Péguy, travou amizade com outros pensadores importantes da época, como Maritain, Marcel, Berdinav e Guitton (BURGOS, 2018).

Segundo Albernaz (2014), ele foi influenciado, além de o ser pelo cristianismo, também pela fenomenologia existencialista e pelo marxismo, buscando pensar a pessoa humana:

A obra de Mounier está marcada pelas influências de várias correntes, como o Cristianismo, no seu sentido mais revolucionário e autêntico; a Fenomenologia Existencial, na dimensão da concepção dialética entre homem e o contexto natural e cultural, o ser-aberto-ao-mundo de modo intencional, e o Marxismo na visão de Marx sobre a práxis e nas concepções sobre alienação. Mounier buscou repensar estas correntes de pensamento, vinculando-as à sociedade de seus dias e, assim, propôs um novo modo de pensar a pessoa humana (ALBERNAZ, 2014, p. 85).

Mounier (2010) afirma que o “Conhece-te a ti mesmo” de Sócrates é a primeira grande revolução personalista conhecida. Os filósofos gregos em geral apreciam apenas o pensamento impessoal e a sua ordem imóvel, que rege a natureza e as ideias. Sendo assim, é o cristianismo que traz uma noção decisiva de pessoa e que seria um escândalo para os gregos.

Acima das pessoas não reina a tirania abstrata de um Destino, de um céu de Ideias ou de um Pensamento impessoal, indiferentes aos destinos individuais, mas um Deus pessoal, embora de modo eminente, um Deus que “pagou com a sua pessoa” para assumir e transfigurar a condição humana, e que propõe a cada pessoa uma relação singular de intimidade, uma participação na sua divindade: um Deus que não se afirma, como pensou o ateísmo contemporâneo (Bakunine, Feuerbach), pelo que arrebatava ao homem, mas outorgando-lhe, pelo contrário, uma liberdade análoga à sua e

retribuindo-lhe generosidade por generosidade (MOUNIER, 2010, p. 13).

Em Platão, a alma individual se reduz a uma participação na ideia de natureza. A multiplicidade era um problema: para Plotino a salvação é um retorno ao Uno e ao Intemporal. Daí o tamanho do escândalo do cristianismo afirmar um Deus Pessoal que cria múltiplas pessoas por amor.

Mounier recorreu ao Evangelho para construir alguns de seus principais conceitos filosóficos, como destaca Burgos (2018): o amor como vínculo da comunidade, a encarnação, a interpessoalidade, etc.

A fenomenologia também exerceu influência no pensamento personalista de Mounier. Segundo Peixoto (2010), a fenomenologia surgiu como uma tentativa de superar a dicotomia – introduzida pelo racionalismo, empirismo e positivismo – entre sujeito e objeto, homem e mundo, subjetivo e objetivo.

O personalismo é uma filosofia que afirma o valor da pessoa enquanto valor absoluto. [...] A existência humana é o ponto de partida e o postulado fundamental do personalismo. Isto significa que há, nessa perspectiva, uma prioridade da existência sobre a natureza humana, entendendo-se esta como um dado “ontológico definitivo”. Esta postura é uma exigência de reformulação epistemológica, que significa, no interior do personalismo, a tentativa de elaboração de uma fenomenologia da existência, situada entre o objetivismo radical da ciência e o subjetivismo da metafísica (PEIXOTO, 2010, p. 455-456).

Embora Mounier fosse contrário ao marxismo⁵, ele sempre o considerou em suas análises. O marxismo se dirigiu às massas oprimidas pelo capitalismo, propondo-lhes a luta de classes. Para isso, o decisivo seria a meta final, ou seja, a revolução; e a pessoa seria um meio para se alcançar esse fim. Essa práxis revolucionária que instrumentaliza a pessoa é completamente rejeitada por Mounier (BURGOS, 2018).

Entretanto, o marxismo possui bases teóricas sofisticadas fundadas nas análises sociais de Marx, que afirmou: “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes modos. Trata-se agora de transformá-lo” (MARX, 1989, p. 109 apud BURGOS, 2018, p. 25). O marxismo se destacou por sua

⁵Mounier apresentava duas tendências opostas com relação ao marxismo: atração pelo movimento pela sua preocupação com a práxis e ideias sociais e rejeição teórica de seu materialismo e sua antropologia. Cf. BURGOS, 2018, p. 97.

radicalidade e principalmente por sua conjunção de teoria e práxis, tema muito importante no personalismo mounieriano.

O personalismo de Mounier tem um caráter ativo. Diante da crise que vivia e dessas influências, ele se viu em “um dilema que o angustiava: escolher entre uma vida de pesquisa acadêmica e uma vida em que o pensamento impulsionasse à ação” (BURGOS, 2018, p. 81). Essa tensão entre teoria e práxis sempre esteve presente na vida de Mounier: queria uma transformação social, abandonou a academia para transformar a sociedade (BURGOS, 2018). Nesse impulso para a práxis, Mounier, após deixar a academia, fundou a Revista *Esprit*, em 1932, que foi o principal meio de divulgação das ideias personalistas.

Essa crise vivida pela Europa foi fruto de um projeto racionalista instrumental ou de despersonalização, conforme afirma Mounier (2010). No campo intelectual, houve uma rejeição à transcendência e às raízes cristãs e um impressionante crescimento de posições relativistas e niilistas. No aspecto econômico, vivia-se o *crash* de 1929 e um capitalismo desumano. No âmbito social, havia crises e guerras. O ser humano estava coisificado e desumanizado: a racionalidade e o mundo tecnológico não corresponderam às necessidades humanas.

Já não se sabe o que é o homem, e como hoje o vemos atravessar transformações espantosas, pensa-se que não há natureza humana. Para uns, isso traduz-se assim: tudo é possível ao homem, e reencontram uma esperança; para outros, tudo é permitido ao homem, e soltam-se todas as rédeas; por último, para outros, tudo é permitido quanto ao homem, e eis-nos em Buchenwald⁶ (MOUNIER, 2010, p. 119).

Logo, era necessário, como destaca Burgos (2018), uma construção nova e audaz, capaz de abrir novos caminhos para a humanidade em crise. Para Mounier (2010), era chegado o tempo de “refazer a Renascença”, ou seja, elaborar um projeto social que reconhecesse a dignidade do homem e favorecesse a sua humanização. É nesse sentido que o novo humanismo em Mounier é um renascimento do homem concreto, “situado na relação constitutiva e axiológica com o eu-Tu, em totalidade, implicado a [sic] uma

⁶ Buchenwald foi um campo de concentração Nazista localizado no leste da Alemanha.

revolução que forme uma nova compreensão de pessoa e de comunidade, uma chamada à libertação humana” (ALBERNAZ, 2014, p. 9).

No processo de personalização e do descobrir-se pessoa, a comunidade tem um papel importante. Como evidencia Burgos (2018, p. 93), é necessário “relacionar-se de tal maneira que se crie um ‘nós’ fruto de viver um projeto comum”. Este novo entendimento antropológico, o despertar da pessoa, humaniza o homem, e este, ao humanizar-se, humaniza o mundo e as relações, inclusive as de produção: “a produção só tem valor mediante seu fim mais elevado: o advento de um mundo de pessoas” (MOUNIER, 2010, p. 34).

No refazer a Renascença, há uma proposta político-econômico-social centrada na pessoa, para cuja formação tudo deve convergir. Para se compreender a humanização do homem, é necessário perpassar a tríade de seu volume total, de seu desenvolvimento pleno – encarnação, vocação e comunhão –, caracterizado na estrutura do universo pessoal em processo histórico (ALBERNAZ, 2014, p. 10).

Nisso consiste o despertar personalista em Mounier: educar um mundo em crise para que esteja voltado para a inteira realização da pessoa. Para isso, torna-se necessário entender a noção de pessoa e, sobretudo, sua implicação na renovação de valores, assentada na dignidade da pessoa e assegurada pela estrutura do universo pessoal, por ser a pessoa volume total do homem, o desenvolvimento pleno do homem como um ser total pertencente a uma comunidade. E é isso que veremos a seguir.

3 A NOÇÃO DE PESSOA EM MOUNIER

Para compreender melhor o movimento personalista é necessário entendermos como surgiu o termo **personalismo** e como Mounier entendia a noção de pessoa. O próprio Mounier afirma que o termo personalismo é uma novidade. Foi usado por Renouvier em 1903, porém caiu em desuso. Em 1930, na França, em meio à crise política e espiritual em que estava imersa a Europa, o termo reaparece para designar os estudos apresentados na revista *Esprit*. Porém, embora o termo personalismo seja recente, enxerta-se numa longa tradição, como mostramos no item anterior (MOUNIER, 2010).

Ao propor as diretrizes básicas do personalismo, Mounier coloca a pessoa como núcleo central de suas preocupações. Nesse sentido, a pessoa passa a ser o centro orientador da ação e da reflexão do movimento personalista. Mounier (2010, p. 8) destaca que a afirmação central do personalismo é “a existência de pessoas livres e criadoras”, o que “introduz no coração destas estruturas um princípio de imprevisibilidade que desaloja toda a vontade de sistematização definitiva”.

Faz-se necessário demonstrar como o pensador francês define o termo pessoa. Esta é uma noção antiga, que, embora fosse conhecida, havia sido pouco utilizada. Mounier (2010), ao retomar a noção de pessoa, não apresenta o conceito de modo a fechá-lo. Para Albernaz (2014, p.44), “o ‘conceito’ é apresentado de modo perspectival, não sendo mostrado por completo, o que deixa subentendido algo mais do que o declarado”, como mostra a seguinte citação de Mounier:

Eis o meu vizinho. Tem do seu corpo um sentimento singular, que não posso experimentar; mas posso olhar este corpo a partir de fora, examinar seus humores, as suas hereditariedades, a sua forma, as suas doenças, em suma, tratá-lo como uma matéria de saber fisiológico, médico, etc. Ele é funcionário que posso estudar *no* seu caso, embora eles não sejam *ele*, na sua inteireza e na sua realidade englobante. É ainda, de igual modo, *um* Francês, *um* burguês ou *um* maníaco, *um* socialista, *um* católico, etc. Mas não é *um* Bernard Chartier: é Bernard Chartier. As mil maneiras de eu poder determiná-lo como *um* exemplar de uma classe ajudam-me a compreendê-lo e sobretudo utilizá-lo a saber como comportar-se na prática com ele. Mas são apenas perfis tomados, de cada vez, sobre um aspecto de sua existência. Mil fotografias amontoadas não constituem um homem que caminha, que pensa e que quer (MOUNIER, 2010, p. 9, grifo do autor).

Diante dessa citação compreendemos que, para Mounier (2010, p. 10), “a pessoa não é um objeto, nem mesmo se considerado o objeto mais maravilhoso do mundo”. Sendo assim, podemos definir apenas objetos exteriores ao homem. A pessoa não pode ser objetificada, porque “nada do que a exprime a esgota, nada do que a condiciona a subjuga” (MOUNIER, 2010, p.10). A existência da pessoa é dotada de um carácter absoluto que não pode ser apreendido. Portanto, a pessoa definitivamente não é um objeto. Pode-se dizer muitas coisas sobre uma pessoa, assim como pode-se fazê-lo de um

determinado objeto. Mas, em relação à pessoa, apenas são expressos aspectos da sua existência, e não características objetuais.

Nesse sentido, a elaboração teórica do personalismo tem a finalidade de afirmar o caráter absoluto da pessoa. Peixoto (2010, p. 459) destaca que “Mounier [...] não assume a intenção de defini-la [a pessoa] de forma rigorosa e fechada. Para ele, só podemos conhecer a pessoa vivendo a experiência pessoal”.

Porém, nem por isso lhe remetemos ao indizível. Peixoto (2010, p. 459), ao responder à questão sobre o que é a pessoa, afirma, citando Mounier:

Ao responder esta questão, ele [Mounier] começa dizendo o que não é a pessoa: não é indivíduo, pois este é egocêntrico, avaro e singular; não é consciência que alguém tem de si mesmo, já que cada homem cria várias representações de si. A pessoa é um absoluto. Isto significa que a pessoa vale por si mesma. Ela é dotada de dignidade intrínseca (a dignidade humana). A pessoa nunca poderá ser um meio, terá que ser sempre um fim. A pessoa, na visão personalista, é um ser integral, ser dotado de corpo e alma, desejos, liberdade, responsabilidade, transcendência. Enquanto tal, é capaz de conhecer, de decidir, de responsabilizar-se. Entretanto, estas capacidades não são dadas, são construídas nas relações que o homem mantém consigo, com os outros, com Deus, com o meio natural e social (PEIXOTO, 2010, p.459).

Nesse sentido, a estrutura do universo pessoal de Mounier, na perspectiva tridimensional, apresenta a seguinte configuração: a **encarnação** se realizando na existência encarnada em um corpo; a **vocação** realizada na eminente dignidade e na conversão íntima; e a **comunhão**, que acontece pela comunicação e pelo afrontamento em uma comunidade. Esta estrutura compreende o volume total do homem, que por sua vez constitui o que o filósofo entende por pessoa.

A encarnação evidencia a dimensão corporal da pessoa, sendo a existência encarnada um fator essencial da base pessoal. Para Mounier (2010, p. 23), o “homem é, com igual direito, corpo e espírito, todo ele ‘corpo’ e todo ele ‘espírito’”. Burgos (2018) argumenta que o homem não é apenas espírito, mas espírito encarnado, o que não é algo negativo ao estilo platônico, mas seu modo de ser real, com seus limites e com seus aspectos positivos.

Existe uma preocupação em Mounier (2010, p. 24) de acabar com o que chamou de “pernicioso dualismo”, ou seja, a separação entre corpo e espírito,

“tanto na nossa maneira de viver, como no nosso pensamento”. Esse é um dos aspectos que mostram a influência do pensamento cristão sobre o pensamento de Mounier: no sentido em que o Espírito⁷ se torna carne, na encarnação de Cristo; espírito e corpo aí são um. O corpo não mais é visto como algo negativo, mas é elevado ao Espírito, que ao mesmo tempo desce a ele, ficando então presente no mundo. Essa compreensão da encarnação de Cristo, um ser espiritual que desce à Terra se fazendo carne, desemboca no pensamento de que “a encarnação não é uma queda” (MOUNIER, 2010, p. 24). Dessa forma, corpo e espírito, no homem, não estão em contraposição, mas em união: “*existo subjetivamente, existo corporalmente* – são uma só e mesma experiência” (MOUNIER, 2010, p. 31, grifo do autor).

Mounier (2010) destaca a ligação dialética da matéria à consciência, uma vez que existimos subjetivamente e existimos corporalmente. Mounier (2010, p. 63) explica que a pessoa é “um dentro que carece do fora”, ou seja, na dialética personalista não há busca da conciliação de teorias, nem afirmações imediatas, paixões subjetivas ou direção exterior; mas é um movimento contínuo de interioridade, exterioridade e rupturas. Nessa perspectiva, a pessoa não deve ser vista como uma “argila” sobre a qual colocamos nossas ideias e convicções. A pessoa é um movimento dialético de aceitação e de recusa, de silêncio e de manifestação.

Não posso pensar sem ser, e ser sem o meu corpo: estou por ele *exposto* a mim próprio, ao mundo, a outrem, é por ele que me esquivo à solidão de um pensamento que seria tão-só pensamento do meu pensamento. Ao recusar deixar-me inteiramente transparente a mim mesmo, ele lança-me sem cessar para fora de mim, para a problemática do mundo e das lutas do homem. Pela solicitação dos sentidos, ele arroja-me para o espaço, pelo seu envelhecimento ensina-me a duração, pela sua morte enfrenta-me com a eternidade. Faz pesar a sua servidão, mas ao mesmo tempo está na raiz de toda a consciência e de toda a vida espiritual. É o mediador omnipresente da vida do espírito (MOUNIER, 2010, p.31, grifo do autor).

A pessoa sendo um ser encarnado é chamada a ser um **quem** único, dotada de uma vocação. A vocação, segundo Burgos (2018, p. 91) é o princípio de “unificação progressiva de todos os meus atos, e, mediante eles, de minhas

⁷ Aqui nos referimos ao Espírito sendo a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade de acordo com a fé cristã. A noção de encarnação em Mounier está vinculada ao humanismo cristão e configura-se em uma visão antropológica do ser humano, a partir da referência do pensamento judaico-cristão, ou seja, a partir da referência a Cristo e sua encarnação na história.

situações: é o ato próprio da pessoa”. Segundo Mounier (2010), a vocação pode ser tratada como um “chamamento silencioso”. Para Albernaz (2014, p. 65) é “aquela voz no íntimo que vai aos poucos elucidando a identidade do sujeito e traduzindo a sua vida”.

Para um cristão o termo vocação tem o seu sentido pleno, pois acredita no chamado envolvente de uma Pessoa. “Mas para definir uma posição personalista, basta pensar que toda pessoa tem um significado tal que ela não pode ser substituída no lugar que ocupa no universo das pessoas” (MOUNIER, 2010, p. 60). Cada homem deve descobrir qual é, para ele, o seu centro ou princípio, e agir de modo coeso, pois como afirma Mounier (2010, p. 61) “o homem só vive bem quando vive integralmente consigo”. Assim consegue conferir unidade e sentido à vida, porque descobre qual é seu lugar e sua missão no mundo. Esse é o sentido mais próprio de vocação no personalismo.

Assim, a vocação é uma unidade pressentida, desejada e nunca realizada, porque só será completa quando ocorrer a morte:

A vocação. – Recolhendo-se para se encontrar, depois dilatando-se para se enriquecer e, mais uma vez, se encontrar, recolhendo-se de novo no despojamento, a vida pessoal, sístole, diástole, é a busca até à morte de uma unidade pressentida, desejada e nunca realizada (MOUNIER, 2010, p.60).

Dessa forma, a vocação se assemelha ao movimento do batimento cardíaco, o movimento de pulsar, pausar por um pequeno instante e o voltar novamente a pulsar. É algo intrinsecamente pessoal que faz parte de um movimento de conversão íntima e que destaca a eminente dignidade da pessoa ao ser única e dotada de um chamado irrepitível.

Sendo assim, ao encontrar o centro orientador da própria vida, dando sentido à própria existência, a pessoa se abre para a relação mais plena com as outras pessoas. Afinal, não se pode esquecer que este ato, o de dar sentido, está comprometido e destinado, pois “a unidade de um mundo de pessoas só se pode obter na diversidade das vocações e na autenticidade das adesões” (MOUNIER, 2010, p. 61).

Desse modo, a busca do personalismo de Mounier (2010) é descentrar o ser humano do individualismo e colocá-lo em abertas perspectivas. Sendo assim, a comunhão configura um aspecto essencial para a construção da

pessoa. Mounier (2010, p. 40) destaca que a pessoa surge como uma presença dirigida para o mundo e para as outras pessoas: “as outras pessoas não a limitam, fazem-na ser e crescer. Ela só existe no movimento para outrem, só por outrem se conhece, só noutrem se encontra”.

Nessa direção, a comunicação é entendida como fato primitivo, uma vez que a experiência primitiva da pessoa se dá na comunicação com a segunda pessoa. Quando me coloco diante do **Tu**, abro-me à comunicação, pois encontro no **Tu** o **nós**; que é anterior ao **eu**. Dessa forma, Albernaz (2014, p.55, grifo do autor) esclarece que “a pessoa em mim se constrói por meio do *Tu*, no nós, ou seja, é com o *Tu* que me construo a mim mesmo no outro”.

Para o personalismo, tomar o ser humano como pessoa é considerá-lo como ser que se constrói na história, como ser situado, ser de comunicação. Isso indica que o personalismo, ao apostar no ser humano, está também apostando na comunidade (PEIXOTO, 2010).

O personalismo de Mounier é comunitário, pois ele insiste na importância da comunidade para a existência da pessoa. Burgos (2018) destaca que nem toda agrupação de pessoas constitui uma comunidade no sentido personalista: é preciso relacionar-se de tal maneira que se crie um **nós**, fruto da vivência de um projeto comum. Uma comunidade não pode ser apenas constituída por laços utilitários ou interesseiros; mas por laços pessoais, porque estão formados por relações **tu-eu** vividas em plenitude e cimentadas no amor. E como afirma o próprio Mounier:

Ora, o homem singulariza-se por uma dupla capacidade de romper com a natureza, Só ele conhece este universo que o submerge, e só ele o transforma, ele, o menos armado e o menos poderoso de todos os grandes animais. É capaz de amor, o que é ainda infinitamente mais. O cristão acrescentará: foi tornado capaz e colaborador de Deus (MOUNIER, 2010, p.26).

Portanto, percebemos que o ser humano emerge da natureza pois é **encarnado**, afinal é um ser deste mundo. Porém, o homem se diferencia dos outros seres porque conhece a natureza e a pode transformar. Sendo assim, não se limita ao biológico da vida, pois o pode transcender, ir além, sendo “capaz de amor” (MOUNIER, 2010, p.26). Nesse processo, descobre-se uma pessoa única por meio de uma **vocação** e, embora seja único, é chamado a

viver em **comunhão** com outras pessoas, constituindo uma **comunidade**. Essa comunhão deve ser vivida consigo, com os outros e com Deus, afinal o ser humano é capaz de Deus (*Capax Dei*). Além da comunhão com o gênero humano e com as outras espécies do mundo, segundo Mounier (2010), levando essa compreensão ao personalismo cristão, o ser humano também é capaz de viver a comunhão com Deus e deve viver essa comunhão, afinal a dimensão religiosa do homem não pode ser negligenciada na constituição do ser total – a pessoa.

Para alcançar o pleno desenvolvimento dessas dimensões – encarnação, vocação e comunhão – são necessárias determinadas ações e atitudes, como destaca Burgos (2018, p.92): “a meditação para descobrir a vocação, o compromisso para enfrentar o peso da matéria encarnada, e o desprendimento de si para poder viver a comunhão”. Quando a pessoa se desenvolve na comunhão consigo, com os outros e com Deus, ela alcança sua realização mais plena no contexto de sua vida temporal: a abertura ao amor. Essa é, para Mounier, “a mais forte certeza do homem, o *cogito* existencial irrefutável: ‘Amo, logo o ser é, e a vida vale (a pena ser vivida)’” (MOUNIER, 2010, p.43, grifo do autor).

4 CONTRIBUIÇÕES E CONSEQUÊNCIAS DO PERSONALISMO DE MOUNIER

Diante do que foi apresentado sobre Mounier, faz-se mister apresentarmos algumas contribuições e consequências de sua obra, afinal sua filosofia nunca foi um ponto de chegada, mas, sim, de partida.

Um traço decisivo do personalismo mounieriano é seu caráter intrinsecamente ativo: “uma teoria da ação não é, pois, apêndice ao personalismo, ocupa nele um lugar central” (MOUNIER, 2010, p. 103). Burgos (2018) destaca que Mounier não abandonou a academia para construir uma pura teoria, mas para transformar a sociedade. Sendo assim, a tensão entre teoria e práxis é muito presente, pois Mounier buscava uma ligação entre o pensar e o agir de modo coerente, entendendo-se que, juntos, pensar e agir, são engajamento. É ação com compromisso criador de uma nova realidade mais humana.

Mounier (2010, p. 110) destaca que uma simples “solidariedade” entre teoria e prática não é suficiente, pois “importa traçar uma total geografia da ação, para sabermos tudo que deve ser unido e como deve”. Aplicando essa tensão no fazer pedagógico do professor, por exemplo, isso quer dizer que uma total geografia implica uma compreensão das reais condições humanas dos alunos em sua comunidade (teoria), para, a partir dessas reais condições, tecerem-se ações, integrando politicamente todos os elementos na direção do despertar da pessoa na escola (prática).

Essa pessoa da ação não é isolada, mas “a única ação válida é aquela em que cada consciência particular amadurece através da consciência total e do drama inteiro da sua época” (MOUNIER, 2010, p. 104). Ninguém vive de forma isolada: o individualismo é um grande ameaça à sociedade pois faz o ser humano gravitar em torno de si e se esquivar de seus compromissos com a comunidade. Sendo assim, a noção de comunidade é uma importante contribuição mounieriana, pois o ser humano só pode realizar-se em uma comunidade.

Comunidade esta que não se assemelha ao capitalismo e ao comunismo, pois estes não resolvem os problemas básicos da existência humana, em especial o da liberdade e o da humanização. O coletivismo marxista e socialista desconsiderava o homem enquanto ser constituído por dimensões que o tornam um ser total, como a dimensão espiritual/religiosa. O capitalismo, por sua vez, com o seu estilo de vida centrado na produção e no acúmulo de bens, impõe ao indivíduo um projeto desumanizador, pois o insere em uma cadeia de interesses e lucros que se sobrepõe à pessoa.

Na busca por esclarecer a pessoa e superar essa compreensão simplista do ser humano, Mounier (2010, p. 23) propõe romper a compreensão existente em seus dias, de que “os espiritualismos modernos dividem o mundo e o homem em duas séries independentes, material e espiritual”. Para o autor, essa separação causa paradoxos inadmissíveis: ou nega a realidade material, afirmando o espiritual, ou afirma o material, negando o espiritual na compreensão do ser humano.

Para Mounier (2010, p. 23), o “homem é, com igual direito, corpo e espírito, todo ele ‘corpo’ e todo ele ‘espírito’”. Ou seja, a pessoa é indivisivelmente corpo e espírito. Quando Mounier (2010, p. 24, grifo do autor)

afirma que o homem é espírito, é no sentido de que o espírito “designa simultaneamente o pensamento (*noûs*), a alma (*psyché*) e o sopro da vida”, fundindo-se em uma existência encarnada, ou seja, em um corpo.

Como visto anteriormente, Mounier (2010, p. 24) destaca a necessidade de acabar com o que chamou de “dualismo pernicioso”, ou seja, a separação entre corpo e espírito, “nos nossos modos de vida e no nosso pensamento”. Em certo sentido, segundo Mounier (2010), esse dualismo é um resquício do desprezo dos gregos pela matéria⁸. “Foi antes o desprezo dos gregos pela matéria que se transmitiu de século em século até aos nossos dias, cobrindo-se de falsas justificativas cristãs” (MOUNIER, 2010, p. 24).

Com seus fundamentos cristãos, o autor esclarece que o homem é um ser natural, que pelo corpo habita em uma natureza que já existia antes dele. Dessa forma, Mounier destaca que corpo encarnado não é uma queda, valorizando o aspecto material do homem, sem, contudo, absolutizar o material:

A natureza – natureza exterior pré-humana, inconsciente psicológico, participações sociais não personalizadas – não é o mal do homem: a encarnação não é uma queda. Mas como é o lugar do impessoal e do objectivo, é uma *ocasião* permanente de alienação. O homem encontra-se como que sitiado entre uma e outra. O marxismo tem razão ao pensar que o fim da miséria material é o fim de uma alienação, e uma etapa necessária ao desenvolvimento da humanidade. Mas não é o fim de toda a alienação, mesmo ao nível da natureza (MOUNIER, 2010, p. 24-25).

Essa revalorização do corpo é também uma importante contribuição de Mounier: a corporeidade entra no personalismo como uma realidade pessoal, isto é, como a superação de uma visão meramente biológica sobre a qual incidiria o espírito. Burgos (2018, p. 248) destaca que o corpo é a dimensão somática da pessoa e, sendo assim, é inseparável dela; afinal não pode existir corpo sem pessoa.⁹

⁸ Vale ressaltar que alguns filósofos gregos antigos, que muito influenciaram nossa cultura ocidental, contribuíram para esse desprezo pela matéria, porém não são todos, como, por exemplo, para os estoicos e atomistas a matéria era o principal.

⁹ Para tematizar adequadamente essa concepção é necessário sublinhar a unidade corpóreo-psíquico-espiritual que permite à pessoa manifestar-se como pessoa através de seu corpo. Esse tema da corporeidade foi mais desenvolvido por Marcel, Stein, Marias, Wojtyła e outros.

Porém, Mounier (2010) alerta que somos uma **ocasião** permanente de alienação. É evidente que estamos em uma sociedade que apresenta um processo contínuo de desumanização, em que a preocupação com o ser humano não é prioridade. A atual organização social valoriza o capital; e este tem sido compreendido como condição de humanização. Ou seja, nós nos tornaríamos humanos na medida em que possuíssemos e detivéssemos bens e meios de produção. Como destaca Albernaz (2014, p. 19), ao “voltarem-se às condições de humanização do homem para a posse desenfreada dos bens materiais, esquecem-se da existência de uma vida de interioridade, que é uma vida de elevação axiológica do humano”.

[...] a solução biológica ou económica de um problema humano, por próximo que esteja das necessidades elementares, é incompleta e frágil, se não se atender às mais profundas dimensões do homem. O espiritual é também uma infra-estrutura. As desordens psicológicas e espirituais ligadas a uma desordem económica podem minar, durante muito tempo, as soluções alcançadas no plano da economia. E a estrutura económica mais racional, se for estabelecida com desprezo das exigências fundamentais da pessoa, traz em si a sua ruína (MOUNIER, 2010, p. 30).

Dessa forma o ser humano que se tem formado é aquele do acúmulo de riquezas, individualista e, portanto, fechado à comunhão. Esse fechamento provoca uma pobreza nas relações (consigo, com os outros e com Deus) e, conseqüentemente, uma alienação desumanizante.

Essa compreensão equivocada sobre o homem tem conseqüências desastrosas. O ser humano passa a ser meio, um simples instrumento a serviço de uma engrenagem maior: a economia, o partido, a nação, etc. Isso é problemático porque o homem é um ser dotado de corpo e espírito, e com isso, possui necessidades biológicas, desejos; mas também liberdade e transcendência.

Como destacou Mounier (2010, p. 30), “a estrutura económica mais racional, se for estabelecida com desprezo das exigências fundamentais da pessoa, traz em si a sua ruína”, e, por ser o homem corpo e espírito, tem necessidades que vão além do puramente material: o ser humano precisa de uma elevação axiológica, de uma transcendência.

Na transcendência ocorre uma abertura que perpassa o ser por inteiro. A aspiração ao transcendente não é simplesmente uma agitação; mas, sim, a

negação de si como mundo fechado e suficiente. A direção da transcendência personalista é o sair da despersonalização para a personalização, é elevação; não é só projeto, é passar para além de, visto que o “ser pessoal é ser feito para se ultrapassar” (MOUNIER, 2010, p. 87).

A superação da pessoa por si mesma não é apenas projecto, é elevação (Jaspers), *ultrapassagem*. O ser pessoal é um ser feito para se ultrapassar. Assim como a bicicleta ou o avião só têm equilíbrio em movimento e para lá de uma certa força viva, assim o homem só se mantém de pé com um mínimo de força ascensional. Ao perder altura, não recai em qualquer humanidade moderada ou, como se diz, no animal, mas muito abaixo do animal: nenhum ser vivo, excepto o homem, inventou as crueldades e as baixezas em que ainda se compraz (MOUNIER, 2010, p. 87, grifo do autor).

Conforme Mounier (2010) afirma, o homem só se mantém de pé com um mínimo de “força ascensional”. Ele ressalta que, quando o homem perde a altivez, se rebaixa mais que os animais. Ou seja, quando o homem perde a noção de que possui uma elevação e uma dignidade que o ultrapassam, ele comete coisas horríveis. Nesse sentido, o autor compreende o valor como direção da transcendência, pertencente ao universo da liberdade em elevação pessoal. Sendo assim, a certeza do valor surge na plenitude da vida pessoal, esta é a prova do valor que gera um equilíbrio ascensional no movimento de ir além de si.

Albernaz (2014, p. 74) ressalta que “para a pessoa, os valores são fontes inesgotáveis e vivas de determinações que revelam a singularidade expansiva e uma proximidade com o ser pessoal mais primitivo do que a sua direção para a generalidade”. Esses valores não podem ser compreendidos como algo impessoal e absoluto, mas, sim, na dinâmica de uma personalização dos valores, que se incorporam num sujeito concreto, quer individual, quer coletivo. E, em última análise, para o personalismo cristão “todos os valores se agrupam sob o apelo singular de uma Pessoa suprema¹⁰” (MOUNIER, 2010, p. 88).

Como vimos, o ser humano possui um aspecto material, pois é encarnado, ou seja, possui um corpo. Porém, possui também um aspecto

¹⁰ Compreendendo essa “Pessoa suprema” à luz do cristianismo, Mounier nos apresenta a compreensão do valor absoluto como apelo à vocação humana de ser pessoa. Ou seja, essa “Pessoa suprema” é Deus que chama cada indivíduo à personalização.

espiritual que o coloca numa perspectiva de elevação axiológica. Essas duas realidades estão em relação dialética, como parte do movimento de personalização do homem. Nesse movimento de personalização, o ser humano emerge da natureza, porém a domina personalizando-a, e assim, a transcende.

Nesse sentido, em uma sociedade com tantos obstáculos à pessoa, como a nossa, em que profundas batalhas são travadas por aqueles que buscam instaurar um mundo de pessoas, reconhecer a situação de seres encarnados se torna o primeiro passo. Um horizonte de esperança se abre, tendo em vista uma luta constante envolta em um **otimismo trágico**, pois se entende a perfeição do universo pessoal encarnado como um ato libertário, que combate, e que o faz duramente. É o enfrentar, resistir, empenhar e subsistir diante das adversidades:

A perfeição do universo pessoal encarnado não é, pois, a perfeição de uma ordem, como querem todas as filosofias (e todas as políticas) que pensam que o homem conseguirá um dia totalizar o mundo. É a perfeição de uma liberdade aguerrida, e que combate de forma cerrada. Por isso subsiste mesmo nos fracassos. Entre o otimismo impaciente da ilusão liberal ou revolucionária e o pessimismo impaciente dos fascismos, o caminho próprio do homem é o otimismo trágico em que ele encontra a sua justa medida, num clima de grandeza e de luta (MOUNIER, 2010, p.36).

Mounier contrapõe o otimismo histórico, em que há linearidade automática no progresso da humanidade com o otimismo trágico do cristão. Esse otimismo se enquadra no paradoxo da cruz: mesmo diante das maiores crises, há algo que pode ser feito. O otimismo advém da convicção de que, de qualquer forma, a verdade está destinada ao triunfo. Já a tragicidade desse otimismo depende do enfrentamento realista da crise, em que somos chamados a atuar. No otimismo trágico há esperança, mesmo diante das situações mais duras; porém, não há como fugirmos das realidades que nos afligem e da crise que enfrentamos.

“A pessoa expõe-se, exprime-se: apresenta a cara, é rosto. O termo grego mais próximo da noção de pessoa é *prósopon*: aquela que lança o olhar em frente, que defronta” (MOUNIER, 2010, p. 65, grifo do autor). Mounier (2010) olhou seu tempo face a face, tomando consciência de si, e afrontou-o de modo a lutar pela mudança – “refazer a Renascença”. A grande contribuição de Mounier é de nos ajudar a reconhecer a crise em que vivemos e viver como

pessoas. E a grande consequência é que esse reconhecimento se dá por meio de enfrentamentos e lutas. Este é o clima de grandeza presente nas lutas: é por meio delas que nos fazemos pessoas e personalizamos o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos traços marcantes da filosofia moderna consiste em ter impresso na filosofia ocidental a virada antropológica que tornou o homem o centro da reflexão filosófica. Porém, essa virada antropológica não tocou de forma decisiva a noção de pessoa: não se refletiu sobre a presença de uma dimensão última, irreduzível, irrepetível, que toma cada sujeito da espécie humana em um **quem** único.

O processo intelectual que conseguiu transformar o sujeito anônimo racionalista em uma pessoa singular, que converteu um **quê** com natureza humana em um **quem** pessoal irreduzível, pode ser chamado de virada personalista da filosofia contemporânea, para o qual contribuíram praticamente todos os filósofos personalistas: Mounier, Marias, Marcel, Guardini, Polo, Zubiri, etc.

Emmanuel Mounier, sem dúvidas, foi aquele que deu vida e relevância ao movimento personalista. Neste trabalho, nos dedicamos especificamente a ele, que possui uma ambivalência intrigante: indefinição e potência inspiradora. Os seus escritos se limitam pela indefinição. Possivelmente devido à sua morte prematura, seu pensamento não conseguiu alcançar uma sistematização esperada. A obra considerada mais madura foi, justamente, a que utilizamos aqui, **O personalismo**, escrita em 1949. O brilho da exposição das suas ideias não é paralelo ao esforço sintético; algo que dificulta a construção de uma doutrina. Porém, esses mesmos escritos possuem uma potência inspiradora que nos permite pensar o homem de uma maneira mais humana e integral. E, também, nos permite recolher dados para a imensa tarefa de conferir ao personalismo as bases doutrinárias, que, a seu tempo, Mounier não conseguiu estruturar.

Neste artigo, partimos do despertar personalista, passando brevemente pelo seu contexto e pelas suas influências. Depois discorreremos sobre a noção de pessoa em Mounier e algumas de suas implicações. Dessa forma foi

possível perceber como é importante entender o ser humano enquanto pessoa. Nossa hipótese, de que o ser humano só se realiza e contribui de modo mais pleno para sociedade quando se assume e se desenvolve integralmente em uma comunidade como pessoa, foi – em parte – corroborada. Um caminho ainda possível de investigação é compreender melhor como se dá esse desenvolvimento integral e como isso possibilita uma formação humanizadora.

PERSONALIST AWAKENING AND THE NOTION OF THE PERSON IN EMMANUEL MOUNIER

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze Emmanuel Mounier's personalism, especially the context of emergence and the notion of person. As a methodology, we use bibliographic research in the book considered the most mature of the author: **The Personalism**, published in 1949. Realizing the crisis of his time, Mounier wants to put man back at the center of the concerns of human activity. We want to clarify why it is important to understand man as a person. The author proposed a return to the concrete man, and from this man, influenced by Christianity, by existential phenomenology and by Marxism, he elaborated a new understanding of humanization. In it, the person is perceived as the axiological centrality of all thought-action. Mounier's personalism is a way of life, an inspiration whose main experience is the affirmation of the person as an absolute value, and which understands humanization as an awakening of the person in the community. Mounier elaborated an anthropocentric way of human doing implied by the I-You-Us triad and ensured by the structure of the personal universe, for being the person's total volume, incarnation, vocation and communion.

Keywords: Person. Personalism. Anthropology. Humanization. Emmanuel Mounier.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Mônica Ferreira. **Personalismo e a formação humanizadora: um estudo das contribuições de Mounier**. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

BURGOS, Juan Manuel. **Introdução ao personalismo**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Trad. port. Artur Morão. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010.

PEIXOTO, Adão José. **Pessoa, existência e fenomenologia: notas sobre as concepções do personalismo de Emmanuel Mounier**. Revista de Filosofia Aurora, v. 22, n. 31, p. 455-468, 2010.